

O GOVERNO DE DEUS NO PENSAMENTO MAIMONIDIANO: A EXISTÊNCIA DE UM CRIADOR ÚNICO E INCORPÓREO NA MANUTENÇÃO DO UNIVERSO

Anita Sayuri Aguenta*

1

*“Apresta teu ouvido e escuta as palavras dos sábios; dedica teu coração a aprender
meu conhecimento.”¹”*

Não há como falar em pensamento judaico, ainda que seja o filosófico, sem abordar noções que envolvem o conhecimento de um Ser criador de todas as coisas. Com exceção da heterodoxia de alguns autores como Ibn Gabirol, o qual não cita ou desenvolve sua teoria sobre o conteúdo bíblico ou Talmúdico, os demais pensadores dessa comunidade – cuja influência é pouco mencionada na história da filosofia – trabalham abertamente em função do paradoxo surgido entre a razão e a fé revelada. A existência de um Deus, atuante na história humana, cuja “fala” denota o seu verdadeiro poder e o sentimento de “ira” traz conseqüências drásticas àqueles que “o escondem à face”, está duramente em desacordo com o ser simples, Uno e imutável, expresso pela razão Metafísica. Um ponto antagônico irrelevante para muitos hoje, mas que, para o Medievo – época na qual a religiosidade é o foco do conhecimento humano – levanta questionamentos acerca daquilo que é determinante a continuidade da fé: a veracidade dos textos revelados e sua concordância ou não com o conhecimento puramente humano.

É problemática à unidade judaica a alegação de não correspondência entre o conhecimento que adquirimos pela nossa capacidade reflexiva e a revelação – sendo

* Graduanda em Filosofia /UNIFESP; Bolsista PIBIC/CNPq; Integrante do NUR: Núcleo de Pesquisas em Filosofia Islâmica e Judaica.

¹ Provérbios 22:17.

que ambas derivam, pela tradição, de um Ser supremo e criador. Pois, o homem, sob essas circunstâncias poderia ser levado a conduzir-se pela via dos extremos: seja desconsiderando a razão em favor daquilo que é divino, seja deturpando o fundamento da religião por conta da falta de coerência com pensamento, ou mesmo, seja abstando-se de optar entre um e outro, e suspendendo o juízo. Para contornar essa divergência, que em longo prazo resultaria no fim da “religião de Deus”, muitos intelectuais não mediram esforços no desenvolvimento de teorias que conciliassem as Escrituras com o pensamento filosófico grego, especialmente quanto à ontologia. Assim, seguindo essa tendência que visa credenciar ambas as formas como verdadeiras e similares, o nome de *Moisés Maimônides* será um dos destaques no quadro da Filosofia, resultante de um movimento judaico.

Nascido numa região da Espanha sob o domínio político islâmico, teve, desde cedo, contato com diversas fontes que definiriam o seu pensar em favor das raízes familiares. Em suas duas obras Magnas, *O Guia dos Perplexos* e *Mishné Torá*, podemos ver fortemente as influências de um Aristóteles (neoplatonizado), derivado das leituras de materiais apócrifos e pensadores como Al-Farabi e Avicena, além de conhecimentos astronômicos, matemáticos e médicos, adquiridos de seus mestres, dos estudos talmúdicos de seu pai e das comunidades que encontrava no caminho de suas viagens forçadas². Todos esses saberes aliados à cultura religiosa, davam ao chamado “Moisés do Egito”³ as ferramentas necessárias para consolidar a crença em um Deus filosófico, sem perder as características do judaísmo – de um Ser poderoso, misericordioso e presente –, impedindo, assim, o contínuo desvio das pessoas no estudo dos escritos bíblicos. Focados nesse trabalho de conciliação entre Filosofia e os dizeres teológicos, nosso artigo tem como objetivo falar sobre a *Existência de um Deus* transcendente, mediante a prova racional de um Ser imutável, incorpóreo e mantenedor do “Universo Eterno”, além de demonstrar a possibilidade de este Ser Governar o Mundo mesmo sendo dito *imóvel*.

² Ameaçados por grupos fundamentalistas islâmicos, os *Amohades*, Maimônides e sua família foram obrigados várias vezes a seguir em busca de novos lugares. O último refúgio, o qual se tornou representante da comunidade judaica ali presente, fora no Egito, sob os cuidados do comandante islâmico Salah al-Din.

³ Ou “Moisés, o Egípcio”, como Tomás de Aquino o denominava, comumente.

Prova da Existência Divina

O famoso *Dalalát Al-Hairín*, ou *Guia dos Perplexos*, é tido por muitos, como uma obra filosófica composta por Maimônides, contudo, a consistência para um parecer nesse sentido, somente se dará na *Segunda Parte*⁴ do livro, com a apresentação de provas lógicas da existência divina e a exposição acerca da eternidade ou não do universo. Os demais tratados consistem numa análise esotérica dos *Livros dos Profetas* – com interpretação de suas terminologias, explicitações sobre outras *sodót Torá*⁵ – além das contra-argumentações à doutrina dos *Mutakallim*⁶. Assim, da Parte II, a qual nos interessa no momento, temos logo no início, 25 proposições enumeradas por Maimônides das teorias antigas, que auxiliam na demonstração da Existência, Incorporabilidade e Unicidade da *Primeira Causa*. De modo resumido elas tratam das seguintes idéias:

As três primeiras proposições afirmam a impossibilidade de existência de magnitudes e séries de causa e efeito infinitas. A quarta proposição determina quatro categorias sujeitas à mudança: 1) *Substância* – modificada pela *Gênese* e *Destruição*; 2) *Quantidade* – sujeita a *Aumento* e *Diminuição*; 3) *Qualidade* – sujeita a *Transformações*; e 4) *Lugar* – a passagem de um lugar para outro é chamada de *Movimento*. O conceito de *movimento* é desenvolvido entre a quinta e a nona proposição. A décima, décima primeira e décima segunda proposições tratam das coisas abstratas, incorpóreas, ligadas à matéria. São elas: a *causa* do objeto e os *acidentes* que existem através do objeto. Por estarem ligados ao objeto e este ser finito, tanto a causa quanto os acidentes são considerados finitos. A décima terceira, décima quarta, décima quinta, décima sétima e décima oitava proposições falam sobre movimento e mudança, com destaque para a décima quinta, que ressalta a ligação indissolúvel entre *tempo* e *movimento*. A décima sexta proposição diferencia os seres incorpóreos ligados ao corpo – e, portanto, contados juntamente com estes – dos seres espirituais puros, que não podem ser contados, pois não estão ligados a um corpo; a décima nona proposição afirma que uma coisa abstrata, dependente de certas causas, somente existirá enquanto estas existirem – portanto, é finita. As seis últimas proposições tratam da diferença entre um ser de *existência necessária*, que não é consequência de nenhuma causa, e seres compostos de no mínimo dois elementos, que são necessariamente materiais, têm uma causa externa que

4 O *Guia dos Perplexos* é composto por três partes. Maimônides com a primeira mostrará a maneira pela qual se deve entender certas passagens ou palavras dos textos bíblicos, que aparentam dizer, Deus como um Ser antropomórfico. O segundo, e como já dissemos, fala de questões mais filosóficas, como a Eternidade ou não do Universo, a existência de um Ser Causador, além de assuntos relacionados a Profecia. Já a terceira parte, se dedicará aos problemas ligados a *Maasset Mercabá*, ou Relato da Carruagem de Ezequiel, e também a refutação do pensamento mutakallimin.

5 Segredos contidos na Lei transmitida por Deus.

6 Seguidores da teologia do Kalám, que visam interpretar os textos sagrados do *Corão* mediante a razão.

lhes provoca a existência e, antes de existirem de fato, permanecem em estado de potência. (URI LAM, Introdução a *O Guia dos Perplexos*, p. 25 e 26: 2003).

Para a complementação dessas idéias, surge mais uma proposição, a qual Maimônides aduz por fazer parte da opinião aristotélica. Seria a idéia de que o “Tempo e o Movimento são eternos, constantes e têm existência de fato” (MAIMONIDES, p. 52: 2003). Esta é uma das alegações determinantes para a sustentação da teoria da *Eternidade do Universo*, a qual os peripatéticos⁷ defenderão estar provada e estabelecida por Aristóteles, mas que Maimônides tentará mostrar o quanto o grande Filósofo da Antiguidade não tinha real certeza a respeito.

Embora haja essa teoria por parte dos filósofos, toda a construção argumentativa que se seguirá no Guia qual nada mais é que, uma especulação defendida pelos aristotélicos, cuja base está alicerçada nas proposições acima – leva ao conhecimento demonstrável de um Ser, se não Criador ou produtor direto do Mundo, pelo menos causador e mantenedor, o que por hora, é suficiente ao autor judaico⁸. No intuito, então, de falarmos sobre as questões que envolvem esse Ser, mais precisamente sobre a Maneira pela qual Ele Governa, somente faremos uso de nove das vinte seis proposições citadas pelo filósofo judeu, pois, elas já cumprem com nosso objetivo inicial que é demonstrar certas características da Existência Divina. Assim, conscientes de como caminhará essa primeira parte de nosso artigo, podemos afirmar, tão logo, conforme o primeiro argumento filosófico, que temos pela *vigésima quinta proposição*, a necessidade de algo existir que cause os seres, preparando-lhes para o recebimento da Forma, além de seus movimentos.

Maimônides diz que sabemos que toda Substância, que constitui os entes neste mundo, ou seja, no mundo sublunar, é composta em si de Matéria e Forma. Ora, não há a possibilidade de estes entes existirem desde sempre dessa maneira, pois vemos constantemente coisas surgirem e depois se transformarem ou mesmo se destruírem. Um bom exemplo disso são as plantas, que nascem, crescem, florescem, frutificam e depois de um tempo morrem. Esse processo, conhecido como geração e destruição nada mais é que estados de mudança próprios da Substância (como presente na quarta

7 Nome que se dá aos discípulos de Aristóteles, numa referência ao modo de aprendizado deles, as quais eram palestras ministradas pelo filósofo enquanto caminhava pelo Liceu.

8 Apesar de ser importante para muitos aspectos da filosofia de Maimônides, não nos aprofundaremos nas questões de eternidade do universo neste empreendimento.

proposição) e que dependem da existência de algo anterior que os cause ⁹. Ou seja, “uma força que coloque a substância em movimento e, então, permita predispor-la a receber uma certa forma” (MAIMÔNIDES, p. 51: 2003). Tal Agente de Movimento, num parecer filosófico, denomina-se *Quinto Elemento*, o qual será no decorrer da obra maimonidiana tratada também como *Esfera Celeste* ¹⁰.

O movimento do Quinto Elemento é fonte de toda força que move e prepara qualquer substância na terra para sua combinação com uma determinada forma, e é conectado com aquela força através de uma corrente de movimentos intermediários. A Esfera Celeste (ou Quinto Elemento) possui o movimento de locomoção, que é o primeiro de uma série de tipos de movimentos (décima quarta proposição), e toda locomoção acaba sendo um efeito indireto do movimento desta esfera. (MAIMONIDES, p. 55: 2003).

Esse Quinto Elemento, segundo Aristóteles, tem um movimento constante e circular - do qual deriva sua eternidade e, portanto, não pode ser objeto de alterações de existência como ocorre nos seres que existem no mundo sublunar. Todavia, devemos determinar - ao seguir a lógica de que todo ser corpóreo (como o Céus) que põe um outro ser corpóreo (como os elementos presentes no mundo sublunar) em movimento, só o faz se estiver também em movimento ¹¹ - que não há causas infinitas, pois como fica provado no *Livro da Metafísica* de Aristóteles, “nenhum corpo, quer sensível ou inteligível, pode ser infinito” (ARISTÓTELES, p. 287: 2006). Do mesmo modo, que “a existência de um número infinito de causas e efeitos é impossível, ainda que não sejam magnitudes” (MAIMONIDES, p. 48: 2003). Logo, podemos dizer que para as Esferas Celestes causar o movimento de outros corpos, ela mesma precisa de algo da qual derive seu próprio movimento e, portanto, há somente duas possibilidades que desencadeia tal processo: haver um agente externo que a estimule no deslocamento, ou interno (décima sétima proposição).

No primeiro caso, se o motor está fora da esfera, este deve ser corpóreo ou incorpóreo. Se incorpóreo, não pode ser dito que o agente está fora da esfera, somente pode ser descrito como *separado* desta, pois um objeto incorpóreo só

9 A idéia de algo que induz, não só o movimentar-se das esferas celestes, mas a partir dele, a mescla dos elementos que compõem a matéria terrestre – e que determina a geração e corrupção ou destruição dos seres – está presente em diversos capítulos da obra *Guia dos Perplexos* (Cap. 72, Parte I, Caps. 1-12 e 30 da Parte II), além do Capítulo IV de *As Leis Fundamentais da Torá*, presente na *Mishné Torá*, e diz respeito ao pensamento de Aristóteles no *Livro da Metafísica*.

10 Devemos compreender que o termo *Esferas Celestes* não se refere aos planetas, como hoje conhecemos. Para os antigos ele se refere às camadas móveis no Céu nas quais estão fixadas os corpos celestes ou “estrelas” (segundo Maimônides) – Terra e Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, além das Estrelas Fixas.

11 Presente na Terceira Proposição numerada por Maimônides.

pode ser descrito como residindo fora de um determinado corpo metaforicamente. Na segunda condição, se o agente reside dentro da esfera, deve ser ou uma força distribuída ao longo de toda esfera, de modo que cada parte dela inclua uma parte da força, como é o caso do calor do fogo, ou uma força indivisível, como é a alma e o intelecto (décima e décima primeira proposição). (MAIMONIDES, p. 56: 2003).

Ficará demonstrado que aquilo que estimula o movimento das Esferas, não é nem corpóreo e externo – pois, isso resultaria numa seqüência infinita de causas – nem, muito menos, interno e distribuído ou indivisível a elas. Nesses dois últimos casos, seria impossível por que: se fosse algo distribuído, seria uma força repartida em cada parte constituinte de seu corpo e, portanto, limitada ao ponto de não produzir um movimento contínuo e eterno (o qual, Maimônides se força a aceitar temporariamente); e, se fosse indivisível, seria uma força móvel acidentalmente, pois, ao induzir o corpo a um deslocamento, ela também se deslocaria; e quando ele parasse, ela também pararia. Ou seja, ela daria talvez o primeiro impulso do movimento, mas não dependeria dela a manutenção do mesmo em curso constante.

Sob essas circunstâncias, temos a necessidade, então, de postular um princípio que seja comum a todos os movimentos, princípio este *incorpóreo* e *separado* deles, e que seja puramente *ato* (ou em outras palavras, constante, sem alteração da potência ao ato, e vice-versa), além de *imóvel* (ou, melhor dizendo, que nada tenha que altere seu estado). Essas duas condições finais sustentam a impossibilidade de uma seqüência infinita de causalidades e também, que o Ser dito, seja o mantenedor dos Céus. Para os teólogos este princípio será denominado *Deus*, enquanto para os aristotélicos este será dito o *Primeiro Motor*.

Este Quinto Elemento, a esfera celeste, tem que ser necessariamente transitório, assim como o movimento, ou eterno, como afirma o oponente. Se as esferas são transitórias, então Deus é o seu Criador, pois tudo quanto existe após a inexistência pressupõe um agente, sendo absurdo considerar que a coisa gerou a si mesma. Todavia, se esta esfera não cessou nem cessará de se mover, com o movimento perpétuo e eterno, segue-se necessariamente, de acordo com as proposições precedentes, que o agente deste movimento perdurável não é um corpo, nem força em um corpo, é Deus (Bendito seja Seu nome!). (MAIMONIDES, p. 65: 2003).

Percebamos que, independente da teoria que aceitemos – seja do Criacionismo ou da Eternidade do Universo –, ambas sustentam a existência de Deus como causa necessária. Todavia, também é preciso dizê-lo como *único* e *simples*, pois disso

consolida-se a idéia de um Ser transcendente e literalmente *independente* do Mundo constituído, de acordo com a visão judaica.

Uma vez provada a incorporeidade do Primeiro Motor, comprova-se também a Sua *unicidade*, pois, conforme a proposição 16, não podemos contar aquilo que é incorpóreo, a não ser quando este está situado em um corpo. Ora, Deus está *separado* dos corpos que se movem, por ser Ele imóvel, como foi mostrado acima. Por isso, não se pode dizer que o Motor do processo seja vários e dependentes de outrem. Outra maneira de provar isso é seguindo as palavras de Maimônides:

Pode ser facilmente demonstrada a impossibilidade de que a existência absolutamente independente não pode ser atribuída a dois seres. Pois se fosse este o caso, a existência absolutamente independente seria uma propriedade adicionada à substância de ambos. Assim, nenhum deles seria absolutamente independente devido a sua essência, mas somente devido a uma certa propriedade, ou seja, a da existência independente, comum a ambos. (MAIMONIDES, p. 60: 2003).

Isso tudo resultaria num absurdo, porque, uma vez que, se tratarmos de *propriedades adicionadas*, ou seja, *partes componentes* de um ser, já estaríamos alegando que este deve ser corpóreo. Não há como definir partes de algo incorpóreo, muito menos alegar *independência* entre seres, se ela mesma, como uma das propriedades internas, os torna dependentes de um terceiro fator. Ora, se dois seres são semelhantes por possuírem o mesmo elemento e ainda são definidos como “dois”, carecem de algo que cause ambas as propriedades neles – aquela que os torna semelhantes e aquela que lhes dá alguma diferença – como nos explica a proposição 21¹².

Assim, conclui-se que Deus é *único, simples e independente* de outros seres, e isso já nos dá margem para tratar sobre o Seu modo de *governar*, pois, após toda essa explanação a pergunta que cabe é: Como Ele governaria estando *separado* do Mundo – ainda mais, considerando a existência de Esferas circulando entorno da Terra e ele como *Motor Imóvel*?

12 “Uma coisa composta de dois elementos tem necessariamente esta composição como a causa de sua existência presente. Sua existência não é, portanto, devida à sua própria essência; esta depende da existência e da combinação destes dois componentes parciais” (MAIMONIDES, p. 51: 2003).

Governo de Deus: Disposições do Universo

*Sua morada é Deus sempre*¹³.

O ponto que abre essa nossa discussão tem sua primeira aparição logo nos capítulos iniciais do Guia dos Perplexos – estamos nos referindo ao termo *Elohim* expresso em Gênesis 3:5. Essa imediata presença na obra de uma interpretação sobre as passagens bíblicas que denotam o Homem como ser racional¹⁴, leva-nos a acreditar que a questão do *Governo de Deus*, não é um mero tópico a ser trabalhado, mas um dos alicerces do conhecimento que Maimônides irá transmitir. Isso porque em toda Primeira Parte do Guia, o filósofo judeu tratará de algumas idéias singulares (às vezes de modo solto, outras desenvolvendo complexamente) que se tornarão fragmentos imprescindíveis no momento de compreendermos os sistemas *Deus-Universo Criado*, conhecimento *teológico e filosófico*, presentes na Segunda Parte. Assim, *Elohim* não é mais que o fio ligante entre as duas metades da obra.

Cabe-nos esclarecer que esse termo é uma palavra hebraica, no plural, cujo significado é variado. Ele tanto pode estar associado à palavra “homem”, tomando o sentido de *senhores*, quanto ser definido como *anjos*, ou aplicado a Deus, pelos sentidos de *divindades, senhores, juízes e governantes*. Fica pouco claro o que devemos entender por “sereis como *Elohim*” quando Maimônides nos alega que o homem, por sua ação instintiva, perdeu uma dada compreensão racional – a saber, a noção do verdadeiro e falso –, pois, a passagem bíblica parece se dirigir no sentido inverso de sua explicação. Ademais há outras obscuridades quanto a este termo, os quais só se justificarão na medida em que o filósofo nos for explicando a composição Celeste: por exemplo, o fato de ele ser aplicado a Deus, apesar de encontrar-se no plural, ou o fato de ser designado diretamente por “anjo”, quando seu uso normal é voltado a Deus. A ligação da

¹³ Deuteronômio 33:27. Citado por Maimônides (2004) p. 272.

¹⁴ O primeiro capítulo Maimônides irá explicar o que devemos compreender da passagem: “Façamos homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gênesis 1:26) - a primeira medida tomada pelo filósofo judeu contra uma antropomorfização de Deus e no qual o conceito *forma específica* terá destaque. Ao passo que no segundo, ele irá tratar das conseqüências sofridas por Adão e Eva ao se alimentarem do fruto da árvore proibida: “Porque sabe *Elohim* que, no dia em que comerdes dele, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como *Elohim* conhecedores do bem e do mal” (Gênesis 3:5 in: MAIMONIDES, p. 57: 2004).

terminologia religiosa e da teoria cosmológica se dará, então, pela concepção de *Influência* continuada: “Deus não faz nada antes de *contemplar* a Família Superior” (MAIMONIDES, p. 81: 2003).

Segundo nosso autor – depois daquela seqüência que provam a Existência de um Primeiro Motor imóvel – é evidente que todas as Esferas Celestes possuem *alma* (e consequentemente, *intelecto*) para haver seu movimento rotacional, pois somente “seres animados podem se mover livremente” (MAIMONIDES, p. 93: 2003). Longe de ser uma alma semelhante à dos animais, os quais se orientam objetivamente em função daquilo que lhes beneficiam ou prejudicam, as pertencentes às Esferas capacitam seu deslocamento mediante a *idéia* daquilo é superior a elas – ou seja, as *Inteligências Separadas* e Deus. Assim, temos uma poderosa causa anterior que determina a trajetória destes seres, ao ser objeto de idealização:

Segue-se daqui, portanto, que a esfera celeste possui desejo por um ideal tal como ela o compreende e que este ideal, pelo qual anseia, é Deus (Bendito seja!). É neste sentido que se afirma que Deus move as esferas celestes, pois as esferas desejam se tornar semelhantes ao compreendido por elas como ideal. Este ideal é somente no sentido estrito da palavra, não sujeito à mudança ou alteração de qualquer tipo, mas constante na produção de tudo o que é bom. Para a esfera, como corpo, isto é impossível, porque sua ação é o movimento circular e nada mais, esta é a única ação de seres corpóreos que podem ser perpétua, é o movimento mais simples de um corpo e não permite nenhuma mudança na essência da esfera nem nos resultados benéficos de seu movimento. (MAIMONIDES, p. 72: 2003).

Somente um ser dotado de intelecto, gera *idéia* a respeito de outrem. Mas de onde derivaria o intelecto, e mesmo a alma, destes seres? Deles mesmos? Impossível, pois nem o sua rotação contínua, que tem como agente tal alma e intelecto, fora originada pela própria Esfera. De Deus? De certo modo. Mas como foi provado que Ele está independente do Mundo, por ser imóvel, seria muito incoerente se afirmássemos que provenha diretamente dele o agente do movimento. Isso porque, tal *idéia* levar-nos-ia a acreditar, Deus com potência de vir-a-ser (já que Ele mesmo não se move), o que contradiz a *idéia* de Puro Ato – importante para a atualização das coisas. Maimônides sabe que tudo aquilo que causa algo em outro, tem em si o agente da causa. Um exemplo está no Capítulo 7 da Parte I do Guia, no qual ele irá explicar o sentido do verbo “gerar”, presente na frase: “E viveu Adão cento e trinta anos, e gerou à sua semelhança, conforme a sua imagem, e chamou seu nome de Set” (Gênesis 5:3). Para Adão gerar alguém com “forma humana”, ou seja, dotado de *intelecção*, é necessário

antes que o próprio Adão tenha essa forma humana, no fim de ser retransmitida. Consciente desse problema, Maimônides interagirá novamente com a filosofia grega, afirmando a existência de algo que seja intermediário entre o Primeiro Motor de tudo e o movimento do globo. Surge, então, a teoria das *Inteligências Separadas*, as quais serão seres capacitados pela *Suprema Inteligência*¹⁵, e motivadoras das Esferas Celestes.

Toda estrela e esfera têm uma alma e é dotada de conhecimento e inteligência. Elas são seres vivos que reconhecem “Aquele que disse e houve o mundo”. Elas louvam e glorificam o seu Criador, assim como os anjos fazem, cada um segundo a sua grandeza e grau. E, assim, como reconhecem o Eterno, têm consciência de si mesmas e dos anjos acima delas. A sabedoria possuída pelas estrelas e pelas esferas é menor que a dos anjos e maior que a dos seres humanos. (MAIMONIDES, p. 131: 1992).

Devemos salientar que o filósofo do judaísmo, diferente de antigos pensadores que acreditam na probabilidade de haver nove camadas internas de um enorme globo girante, postula cinco camadas, dos quais somente quatro¹⁶ lhe são interessantes: a da Lua (próxima ao centro fixo do globo que é a Terra), a do Sol, a dos cinco planetas conhecidos e a das estrelas fixas¹⁷. Assim, temos para cada Esfera uma *Inteligência* determinando sua existência – o qual na linguagem judaica será dito *Anjo*:

Quando Ele [Deus] destrói tudo pelo fogo, este é posto em ação através do movimento das esferas, e estas, pelas *Inteligências Separadas*. Estas são idênticas aos anjos, que estão em volta Dele, e suas ações por influência direta são, conseqüentemente, cada uma na sua vez, a causa do movimento das esferas. Pois bem, como os Seres Puramente Espirituais não diferem em sua essência, nem são de modo algum suscetíveis de numeração quanto a sua diversidade deduz-se, segundo ele (Aristóteles), que Deus criou a Primeira *Inteligência*, que é o agente de movimento da primeira esfera. A *Inteligência* que mobilizou a segunda esfera tem como causa e princípio a Primeira *Inteligência*, e assim sucessivamente, de maneira que a inteligência que põe em movimento a esfera mais próxima à Terra é a fonte e a origem do Intelecto Ativo, o último na série de Seres Puramente Espirituais. (MAIMONIDES, p. 74: 2003).

15 No capítulo 68 da Parte I, Maimônides nos mostra como Deus pode ser dito Intelecto, Ser Inteligente e Inteligível, sem contradizer a idéia de Sua Unicidade, por meio da concepção do Puro Ato.

16 Esse número ele chega por uma série de deduções provindas de teorias, tanto dos filósofos, quanto dos Sábios talmudistas, como por exemplo: a existência de quatro elementos na Terra (fogo, água, terra e ar), quatro Forças derivadas das Esferas (da natureza dos minerais, propriedades das plantas, faculdades animais e intelectual); quatro anjos principais a teologia (Miguel, Rafael, Gabriel e Uriel), quatro carruagens na visão de Ezequiel (o homem, o boi, o leão e a águia), entre outros motivos citados pelo filósofo.

17 A última seria da Esfera Circundante o qual não há nenhum astro fixo.

Tais “anjos” são criaturas consistentes de *espírito sem substância* (in: MAIMONIDES, p. 127: 1992), ou seja, são seres incorpóreos que atuam sobre as Esferas dando-lhes capacidades de compreensão¹⁸ – não só de si mesmas, mas também daquilo que as influenciam. Mesmo sendo incorpóreos, sabe-se que se trata de seres numericamente acima de dois e com características distintas, por conta dos efeitos¹⁹ que produzem: a velocidade e o sentido de rotação das Esferas não são nunca iguais. Ora, segundo nosso autor, “algumas esferas apresentam movimento mais velozes do que outras. Aquela que exibe o movimento mais veloz é a esfera circundante, cuja órbita se completa em um dia e faz com todas as demais se movimentem com ela – ou seja, a parte junto ao todo – uma vez que todas são partes dela” (MAIMONIDES, p. 288: 2004). Logo, podemos deduzir que cada Esfera Celeste idealiza de uma maneira particular a Inteligência que a causa. A parte final desse processo será, então, a influência que cada movimento celeste produz sobre o centro suspenso do Globo. Para sermos mais claros: as forças produtora dos minerais, vegetais, animais, e também da inteligência humana na Terra, são impulsos sobre cada um dos quatro elementos terrestres, que os obrigam sempre a se recombinarem entre si. Por isso, fora dito que “o movimento do quinto é fonte de toda força que move e prepara qualquer substância na terra para sua combinação com uma determinada forma”.

Assim, a água é posta em movimento pela esfera lunar; o fogo, pela esfera solar; o ar, pela esfera dos outros planetas, que se movem em cursos variados e diferentes com retrocessos, progressos e paradas, e então produzem as várias formas de ar com freqüentes mudanças, contrações e expansões; e a esfera dos outros astros, ou seja, os astros

Chegamos, então, no momento final de nosso empreendimento, que consiste em expor como é possível na visão maimonidiana Deus governar sem se mover.

18 Não alegaremos aqui a origem da substância, geradora da corporeidade nos Céus, pois não fica muito claro como Maimônides entende essa questão – a qual suscita uma certa polêmica acerca do surgimento de objetos corporais a partir de seres incorpóreos. Entretanto, em sendo Maimônides um filósofo voltado ao judaísmo, é certo que ele afirme a existência da matéria por criação divina. Mas, independente disso, devemos saber que tal substância é diferente daquilo que definimos como componentes dos seres submetidos à geração e corrupção. Estes são formados pela combinação dos quatro elementos (e que por isso mesmo, são sujeitos a modificação), acrescentados na matéria, e pela forma; enquanto aquela é uma Substância que não sofre nenhuma mutação.

19 Ao que tudo indica, observando aquilo que cada Esfera recebe das Inteligências, é possível afirmar que estas últimas são compostas de duas propriedades: uma, que as tornam seres da mesma espécie (Inteligências), e outra que as distinguem (por serem mais do que uma Inteligência). A primeira propriedade é ter em si aquilo causará o movimento dos corpos (alma). A segunda é aquela que dará também a individualidade de cada Esfera Celeste, ou seja, a Forma (intelecto). Esse processo terminará com a formação dos entes na Terra.

Governo de Deus: as Influências de *Elohim*

Deve ser percebido que não existe, em momento algum, uma ação direta no qual o Ser Supremo entra em contato com as coisas do Mundo. Em toda teoria cosmológica antiga, há a necessidade de, entre dois seres diferentes, fixar um algo intermediário, ativo, numa tentativa de explicar a existência contínua dos seres ou espécies²⁰. Não é possível aos pensadores dessas épocas imaginarem um Mundo, de configuração sempre atual, sem algo que o impulse constantemente a Ser. Toda mudança de estado, por menor que seja, precisa de algo que a induza (como o gelo que depende de um aquecimento para vira água). O mesmo sucede com a manutenção de um estado contínuo de mudanças (transformações) ou de permanências (o girar das Esferas). Contudo, essa necessidade de Inteligências Separadas mediadoras traz consigo um problema sério para aqueles que explicam a Existência de Deus, o qual seria: definir tamanhas ações produtoras sem que haja a intervenção espacial entre os *instrumentos* Divinos – pois, os agentes intermediários, também sendo incorpóreos, não estão sujeitos à avaliação de distanciamento ou proximidade por sua falta de extensão, logo, é difícil cogitá-los concedendo alma e intelecto às Esferas corpóreas. Tal adversidade fez com que Maimônides, e outros filósofos anteriores, como Plotino, encontrassem um fenômeno capaz de relacionar causas e reações, sem depender propriamente de um “tocar” entre os objetos.

Como o indivíduo humano é composto de uma única força que conecta seus órgãos uns aos outros e os governa, dando a cada um aquilo de que necessita, cuidando da sua recuperação e repelindo o que pode prejudicá-lo – o que os médicos explicam e denominam de a “força que governa o corpo vivo” e que, frequentemente, chamam de “natureza” – assim também o universo como um todo consiste de uma única força que liga uns aos outros, protege suas espécies para que não pereçam, cuida dos indivíduos de cada espécie na medida do possível, bem como protege alguns seres permanentes. (MAIMONIDES, p. 291: 2004).

20 Para Maimônides cogitar um Mundo Criado por Deus que tenha a possibilidade de uma vida perpétua após sua Criação, tem os mesmo efeitos de um Mundo coexistente com o Primeiro Motor, pois ambos necessitam de algo que o mantenha.

No decorrer de nosso trabalho, é possível notar, que utilizamos algumas vezes o termo *Influência* para expressar a ação dos Anjos sobre o Globo Celeste, ou mesmo deste sobre os elementos terrestres. E não por coincidência ele se faz presente na obra de grande parte dos pensadores medievalista, inclusive Maimônides, justamente porque é a palavra que melhor expressa toda essa passagem que descrevemos das propriedades incorpóreas a materialidade. É clássico o exemplo da “aspersão de água” de uma fonte, pois, assim como esta é capaz de jorrar seus *fluidos* em várias direções (ou mesmo sobre receptáculos sobrepostos), num ato contínuo e sem limite, também o Poder emanado de Deus se declina sobre todas as criaturas, numa progressão sem barreira de tempo, espaço ou lugar. E é desse modo que devemos compreender como o Primeiro Motor imóvel *Governa* o Mundo.

Sua ação é constante e, sempre que um objeto está suficientemente preparado, ele recebe o efeito desta ação contínua, denominada *Shefá* (influência ou emanção). Sendo Deus incorpóreo e tudo aquilo que é obra Dele é causa eficiente, afirmamos que o Universo foi criado por Influência Divina e que todas as mudanças no Universo emanam Dele. (MAIMONIDES, p. 103: 2003).

Deve ficar claro junto a esse desenvolvimento todo, uma última coisa levantada anteriormente, a saber: o uso da palavra *Elohim* designando principalmente Deus e os anjos. Maimônides irá nos esclarecer em alguns capítulos que, quando no Texto Sagrado afirma-se, por exemplo, “Sua morada é Deus de sempre” ou “Tu montas sobre Teus cavalos” (Habacuque 3:8, in: MAIMONIDES, p.272: 2004), no fundo está se dizendo o quanto os Céus e as criaturas dependem da Vontade deste Ser Superior e Transcendente. Mesmo aqueles que possuem a liberdade de *governar* as Esferas, através do desejo que criam nelas, precisam de Deus para que continuem existindo e atuando. Esses *governadores* Celestes não são mais do que os instrumentos do *Governo* de Deus, e por isso, é aplicado para ambos (Deus e Anjos) o termo *Elohim*²¹.

Quando afirmamos que a Bíblia ensina que Deus governa este mundo por meio dos anjos, queremos dizer que estes anjos são idênticos as Inteligências Separadas. Em algumas passagens, utiliza-se o plural em referência a Deus, com em: “Façamos o Homem à Nossa Imagem” (Gênesis 1:26), ou “Vamos, desçamos e confundamos ali a sua língua”(Gênesis 11:7). Nossos Sábios explicam isso do seguinte modo: Deus não faz nada antes de *contemplar* a Família Superior. (MAIMONIDES, p. 81: 2003).

21 Mesmo no uso de *Elohim* para seres humanos, o seu sentido é de algo que pode tornar-se *senhor* no grau de sua competência. Os anjos são senhores ou governantes das Esferas porque estão num nível acima delas, e a elas dão certas propriedades. Já Deus é governante de tudo, pois tudo é menor (ou menos perfeito) do que Ele.

Apesar de essa teoria, em sua totalidade, dar margem a imaginarmos que Deus necessita de outros para concretizar Seus objetivos, ou ainda, que a finalidade de Sua existência está somente no bem das coisas inferiores, Maimônides nos diz, constantemente, que pessoas inteligentes não devem admitir certas falácias produzidas pela mente, e exemplifica como devemos entender a influência exercida pelo Criador:

Uma coisa de certo modo perfeita ou é perfeita em si mesma, sem que tenha condições de comunicar essa perfeição a outro ser, ou é tão perfeita que é capaz de aperfeiçoar outro ser. Uma pessoa pode possuir riqueza suficiente para suas próprias necessidades e nada lhe sobrar para beneficiar alguém ou pode ter riqueza suficiente para beneficiar também a outras pessoas, até mesmo enriquecê-las bastante, e ainda doar parte de suas propriedades a outros. (MAIMONIDES, p. 99: 2003).

É como se Deus “transbordasse” todo Seu ser, possibilitando que aqueles, os quais hierarquicamente estão abaixo de si, tenham o suficiente para “retransmitir”. E aqui se encontra a grandiosidade do *Deus dos Céus e Senhor do Universo*. Todas as transformações no mundo inferior aos Céus serão ditas como provindas de Deus, pois, “quando uma coisa existe em função daquilo que a originou, na verdade não existe o dependente, mas somente a origem” (Nota 4, presente *in*: MAIMONIDES, p. 152: 1992).

Referências:

MAIMONIDES, M.. *O Guia dos Perplexos*. Parte I. São Paulo: Landy, 2004. [tradução: Uri Lam].

_____. *O Guia dos Perplexos*. Parte II. São Paulo: Landy, 2003. [tradução: Uri Lam].

_____. *Mishné Torá – O Livro da Sabedoria*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. [tradução: Yaacov Israel Blumenfeld].

ARISTÓTELES.. *A Metafísica*. São Paulo: Edipro, 2006. [tradução: Edson Bini].

BÍBLIA HEBRAICA. São Paulo: Sêfer, 2006. [tradução: David Gorodovits e Jairo Fridlin].